

ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: IMPORTÂNCIA E DESAFIOS

Literacy cartographic in teaching Geography in the early years of Elementary School: importance and challenges

Alfabetización cartográfica en la enseñanza de la Geografía en los años iniciales de la Enseñanza Basica: importancia e desafios

José Roberto Machadoⁱ
Fernanda Ferreira Passos Diasⁱⁱ
Grupo Educacional UNIESP - Brasil

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo expor a importância da alfabetização cartográfica nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como os benefícios que ela traz para o desenvolvimento cognitivo da criança. Buscamos também, esclarecer aos professores a importância de ensinar cartografia para que os alunos tenham maior domínio dos conteúdos nos anos seguintes assim como seu maior desenvolvimento na sociedade. Paralelamente, mostramos por meio de gráficos como as escolas relacionam o ensino da Geografia com a Cartografia e se os professores estão preparados para o ensino da mesma. Por fim, apontamos a necessidade de se trabalhar com afinco os conteúdos cartográficos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para desenvolvimento pleno da criança, além das dificuldades enfrentadas para seu ensino em salas de aula e a falta de base da maioria dos professores dos anos iniciais.

Palavras-chave: criança; Geografia; cartografia; Ensino Fundamental.

ABSTRACT

That study has objective to expose the importance of cartographic literacy in the early years of Elementary School as well as the benefits it brings to the child's cognitive development. It also seeks, to explain to teachers the importance of teaching cartographic for that students have greater content area in the next years, as well as, more development in society. Finally, point for the necessity to work hard contents cartographic in the early years of Elementary School for the full development of the child, the difficulties facing for your teaching in the classrooms, as well the failure of basis of the most teachers of early years.

Keywords: child; Geography; cartographic; Elementary School.

RESUMEN

Ese trabajo tiene como objetivo exponer la importancia de la alfabetización cartográfica en los años iniciales de la Enseñanza Basica, bien como los beneficios que ella tras para el desarrollo cognitivo de niño. Buscamos también, esclarecer a los profesores la importancia de enseñar cartografía para que los alumnos tengan mayor dominio de los contenidos de los años siguientes así como, su mayor desarrollo en la sociedad. Paralelamente, mostramos por medio de gráficos como las escuelas relacionan la enseñanza de la geografía con la cartografía, y se los profesores están preparados para la enseñanza de la misma. Por fin, apuntaremos la necesidad de se trabajar con ahínco contenidos cartográficos en los años iniciales de la Enseñanza Basica para el pleno desarrollo del niño, las dificultades enfrentadas para su enseñanza en las clases, y la ausencia del apoyo de la mayoría de los profesores de los años iniciales.

Palabras clave: niño; Geografía; cartografía; Enseñanza Basica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema a alfabetização cartográfica nos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando que as crianças nem sempre compreendem os conceitos espaciais trabalhados nas escolas. Observamos que há, de um lado, certa incompreensão por parte das crianças, a qual decorre da dificuldade de compreensão da realidade em que elas se encontram e, de outro, a forma equivocada que

os conceitos relativos à noção de espaço são trabalhados na escola. Tendo em vista esses aspectos, nossa intenção, aqui, é analisar a importância do trabalho escolar sobre o espaço e sua representação.

Nesse sentido, objetivamos discorrer acerca da relevância do ensino da Geografia, mais especificamente sobre a alfabetização cartográfica nos anos iniciais do Ensino Básico, ou seja, os benefícios que essa disciplina traz

para o melhor desenvolvimento intelectual, moral e físico das crianças.

O ensino de Geografia, principalmente da Cartografia, vem passando por muito descaso em nosso país, e esse fato decorre de vários fatores, tais como a falta de compreensão do assunto por parte dos professores e dos alunos, formação inadequada dos profissionais da educação, conteúdos desvinculados da realidade dos alunos, entre outros.

Entretanto, julgamos que o aprendizado da Cartografia tem grande importância para a sociedade contemporânea, haja vista que se constitui em um instrumento necessário à vida das pessoas; dessa forma, é essencial a aprendizagem, e conseqüentemente o domínio, de conceitos e referenciais espaciais para deslocamento e ambientação.

A alfabetização cartográfica propiciará aos alunos a possibilidade e a capacidade de visualização da organização espacial, considerada imprescindível para educar as pessoas para a autonomia visando a uma ação independente. Essa autonomia, por seu turno, é alcançada pelo pensamento próprio, pelas tomadas de decisões, pela criatividade e por vários outros elementos. Para o desenvolvimento dessa autonomia, é necessário saber ler e escrever, fazer contas, ler mapas, tabelas, gráficos, entre outros (PASSINI, 1994).

É importante a preocupação com a alfabetização cartográfica em uma educação cujo objetivo seja a formação do ser autônomo, crítico, que saiba se defender da dominação, que saiba pensar e agir.

A NOÇÃO ESPACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

É importante termos ciência de como os homens, em sociedade, conseguiram construir a representação dos elementos espaciais, fato ligado à evolução histórica das conquistas dos povos. A história da Cartografia mostra como os homens criaram meios para representar o território, os quais foram evoluindo com o aparecimento das tecnologias computacionais. Assim, a evolução das técnicas foi baseada nos referenciais espaciais de localização, orientação, dimensões e movimentos da terra.

Os mapas antigos retratavam aspectos gerais da área representada, como o espaço era visto conceitualmente, além de outros aspectos. O ensino de como saber fazer a leitura dos mapas é dever da escola, a qual também tem a função de preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade, exigindo deste o conhecimento de técnicas e instrumentos necessários (ALMEIDA, 2001).

No Ensino Fundamental, os conhecimentos e as habilidades de representação cartográfica devem ser desenvolvidos desde os anos iniciais, pois são habilidades ligadas à leitura e à escrita no sentido de leitura e compreensão do mundo. Almeida (2001) afirma que em Geografia, ler e escrever exigem o domínio da linguagem cartográfica.

Para que o aluno chegue à representação do espaço a fim de realizar estudos geográficos, ele precisa enfrentar os problemas que se encontram na elaboração dos mapas, até hoje defrontados pelos cartógrafos, referentes em saber qual o sistema de localização, projeção,

escala e simbologia adequado a ser utilizado em determinados mapas.

Atualmente na escola, o uso de mapas tem diminuído e às vezes, quando é utilizado, destina-se somente para ilustrar e mostrar localidades ou para colorir, sem mais objetivos. Almeida (2001, p.18) assinala que a “formação do cidadão fica incompleta, por não saber usar nem dominar a linguagem cartográfica”.

Normalmente, o aluno não tem domínio do espaço, e usa pontos de referência para localização e orientação. Se ele domina os referenciais geográficos, o domínio para a elaboração de mapas ocorrerá gradativamente, o qual ocorrerá mediante atividades de técnicas de representação espacial. Almeida (2001) registra que o uso de maquetes é uma forma inicial de representação, no qual se discutem a localização, a projeção, a proporção e a simbologia, e facilitará no processo de aprendizagem do aluno.

Assim sendo, o aluno terá reduzido o seu grau de dificuldade para fazer a leitura de um mapa, pois terá uma redução tridimensional de uma área conhecida, que depois será mapeada. É a partir da solução desse problema que o aluno poderá ter meios para compreender os mais complexos (ALMEIDA, 2001).

Hoje, não apenas os estudiosos, mas qualquer cidadão deve possuir o conhecimento da cidade, da circulação, do meio rural, o que pressupõe o domínio das formas de representação do espaço. Este seria o principal motivo de se incluir a representação espacial no currículo escolar.

É através do currículo escolar que acontece o desenvolvimento pedagógico necessário ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos. São eles: gradação de dificuldades, noções, conceitos, habilidades e elaboração de atividades de ensino. Os conteúdos possibilitam aos alunos chegar ao conhecimento, cuja abrangência explicativa amplie sua leitura e compreensão do mundo, conforme Almeida (2001, p.35):

Estudos recentes apontam que o domínio do espaço pelo homem é influenciado por fatores psicofisiológicos e socioculturais. Marie Germaine Pêcheux, da Universidade de Paris V, analisa a hipótese que as experiências espaciais e suas conseqüências são as mesmas para todos os homens. Segunda ela, o ser humano dispõe, muito precocemente, de certas competências no domínio espacial, as quais se manifestam quando situações favoráveis ocorrem.

A partir dessa afirmação, podemos perceber que a interação entre os fatores biológicos e sociais é importante para o desenvolvimento do domínio espacial das pessoas.

Outro fator que deve ser apontado reside na relevância do sistema sensorio-motor na organização psicológica da criança para compreender o espaço. Resumidamente, seriam as progressivas aquisições da criança, no nível corporal, em ampliar o domínio do espaço e essa postura, por sua vez, influi em sua apreensão das informações sobre o entorno. Com isso, podemos enunciar que desde o início da vida humana estabelecem-se referências espaciais com relação ao próprio sujeito, chegando ao esquema corporal. Na visão de

Almeida (2001), o esquema corporal é a base cognitiva, na qual se delineia a exploração do espaço.

Existem outros aspectos importantes, como, por exemplo, o predomínio de um lado do corpo na organização espacial relacionada com o esquema corporal, e salientamos que o estudo desse assunto é deveras pertinente para o entendimento das relações espaciais e de suas implicações na localização e na orientação espacial, mas esse é um tema em que não vamos nos aprofundar.

A partir desse conhecimento, observamos a importância e o objetivo da atividade com maquetes e sua manipulação como um desafio para resolver o problema espacial, como, por exemplo, o de representar a sala de aula, porque é a partir de objetos fixos que a criança elabora a representação do espaço, tomando-o como referencial antes da constituição do esquema corporal.

Observamos, então, a relevância da atividade sensório-motor na construção do espaço pela criança e sua relação com o esquema corporal. Por isso, devemos saber que atividades que envolvem relações entre corpo e espaço são importantes em todas as idades, e quais devem ser orientadas na escola (ALMEIDA, 2001). Nesse âmbito, é possível entendermos que a orientação espacial está intimamente ligada à atividade corporal.

Uma educação para a leitura de mapas é entendida como o processo de aquisição de um conjunto de conhecimentos e habilidades adquiridos pelos alunos para que consigam efetuar a leitura do espaço, representá-lo e

construir os conceitos das relações espaciais. Assim, a função simbólica tem suma importância para preparar leitores de mapas eficazes (PASSINI, 1994).

A maioria dos mapas oferecidos às crianças pelos professores serve apenas como ilustração, devido à complexidade da simbologia e à falta de uma educação cartográfica mais eficiente nas escolas.

Os geógrafos argumentam que o conhecimento do espaço se dá pelo mapa e que esse é o caminho para a autonomia político-financeira. Sendo assim, saber ler o espaço é uma responsabilidade social.

Lacoste apud Passini (1994) enfatiza a necessidade de um saber para ajudar a pensar o espaço, ou seja, os geógrafos devem ajudar os cidadãos em como pensar o espaço. Para tanto, o autor responsabiliza o geógrafo pela tarefa de informar a população sobre o conteúdo espacial bem como formá-la para saber pensar o espaço e, por conseguinte, saber fazer o espaço.

É importante refletirmos acerca da responsabilidade de se formar o cidadão que consiga participar da reconstrução do espaço e da sociedade, sem que se reproduzam as injustiças existentes. "Nosso problema teórico e prático é o de reconstruir o espaço para que não seja o veículo de desigualdades sociais e, ao mesmo tempo, reconstruir a sociedade para que não crie ou preserve desigualdades sociais" (SANTOS apud PASSINI, 1994, p.17).

Passini (1994) postula que para que o ser humano se engaje na reconstrução do espaço-sociedade é preciso que ele seja um indivíduo crítico, um leitor competente do espaço e de sua

representação. Um leitor crítico do espaço é aquele capaz de ler o espaço real e a sua representação – o mapa. E por meio dessas leituras, apreender os problemas do espaço e ao mesmo tempo conseguir pensar as possíveis transformações para aquele espaço.

Lacoste apud Passini (1994) aponta duas Geografias, a dos professores e a dos Estados Maiores. Na Geografia dos professores, não se percebe o conteúdo espacial estratégico que a ciência geográfica contém. Essa geografia dos livros didáticos é uma geografia "espetáculo", na qual são mostrados os conceitos acabados, não permitindo discussões e contradições. Nesse caso, o aluno não consegue construir conceitos porque eles já estão prontos e inquestionáveis. Portanto, ela é considerada uma geografia das afirmações e exclamações.

Na geografia dos professores, o aluno não reflete, não interpreta, não analisa, não compara nem generaliza, apenas recebe as informações, memoriza e reproduz, sem utilizar o próprio pensamento.

É preciso que os professores acabem com essa ideia de duas geografias. Para tanto, é necessária a formação profissional desses professores em que se difunda a ideia de que estes poderiam objetivar a formação do ser que saiba ler o seu espaço. Sendo assim, será leitor eficiente de mapas e capaz de realizar estudos e pesquisas reorganizadores e reconstrutores do espaço.

O professor formado para a leitura e análise crítica poderá contribuir para a formação de um ser que seja um analisador dos elementos que compõem o espaço não mais como pronto e

acabado. Essa geografia crítica é uma ciência comprometida com o espaço real, da sociedade que produz e organiza os espaços.

O espaço não deve ser visto como célula isolada e autossuficiente, como se o mundo não existisse.

As pessoas que agem em seu espaço conhecem-no muito bem, porém é o mapa que trará a possibilidade de uma leitura das relações e integrações aos espaços contíguos e mais distantes. Sem essa análise de relações, o estudo do espaço se limita ao percebido e ao vivido, não passando de um estudo isolado (LACOSTE apud PASSINI, 1994, p.20).

Passini (1994) aponta que o estudo do espaço só terá significado se for considerado em um conjunto em que os espaços de ação cotidiana estão incluídos. Para tal, essa inclusão deve ser vista de forma dinâmica, pois é a ação do homem que os constrói e reconstrói.

Com toda a complexidade que um mapa apresenta, não devemos esperar que qualquer pessoa ao ver um mapa pela primeira vez consiga apreender as informações ali contidas. Logo, é importante a preocupação com a alfabetização cartográfica contextualizada, em uma educação que objetive a formação do ser com autonomia, crítico, armado para se defender da dominação assim com para pensar e fazer o espaço (PASSINI, 1994, p.22).

O professor que pensa na formação da cidadania, como participação consciente e responsável, possivelmente é também um ser autônomo, com pensamentos próprios, toma decisões, tem iniciativa, é criativo. Acredita-se que uma das decisões como

educador seja a escolha do livro didático.

Para elaborar um mapa, é preciso fazer uma seleção, classificação, simplificação e simbolização das informações do espaço observado para se chegar ao produto final. Mas essa é uma temática em que não pretendemos nos aprofundar. É preciso saber que para a elaboração do mapa o espaço real é reduzido mediante a percepção do cartógrafo.

Desta forma, o mundo real cartografado, o mapa lido e o mundo real propriamente dito ficam com algumas diferenças sensitivas e seletivas. O processo de leitura do mapa é a compreensão da linguagem cartográfica, decodificando os significantes através da legenda. Para Passini (1994), a decodificação é processo fundamental para compreensão da linguagem cartográfica.

Acreditamos que não será por meio de cópias de mapas, recortes de mapas prontos, exercícios de colorir que a criança irá se preparar para a compreensão das informações codificadas do mapa. Preparar o aluno deve incluir a sua ação como elaborador de mapas.

Na ação de mapear, o objeto a ser mapeado deve ser o espaço conhecido do aluno, o espaço cotidiano, onde os elementos (casa, escola, padaria, ruas, semáforos, topografia, rios, etc.) lhe são familiares. Estes são os elementos que serão codificados por meio de significantes elaborados pela criança para que, iniciando com símbolos icônicos, sinta a expressão do conteúdo a informar (PASSINI, 1994, p.26).

A proposta de alfabetizar para ler mapas deve ser estudada com o mesmo cuidado da

alfabetização para a leitura e escrita. A educação cartográfica como processo metodológico propõe, em primeiro lugar, que o aluno seja mapeador, para que, utilizando os elementos cartográficos (símbolo, projeção, redução), consiga adquirir o conhecimento da simbologia cartográfica. Em segundo lugar, propõe que o objeto a ser mapeado seja o espaço conhecido do aluno; em terceiro, propõe que o e o ponto de chegada signifique a sistematização dos elementos conhecidos do espaço cotidiano.

A educação cartográfica propõe ainda que as ações estruturantes possibilitem aos alunos a compreensão das relações espaciotemporais de forma significativa. Ao final, propõe a inclusão do espaço conhecido em espaços mais amplos e relações mais complexas sejam percebidas pela criança através de suas ações e deslocamentos diários, de acordo com Passini (1994, p.29).

Pretende-se que o aluno assim formado, leitor consciente da organização do seu espaço e sua representação, torne-se um ser autônomo, crítico e engendre possibilidades de uma reorganização do espaço, porque questiona a organização existente e concebe-a como produzida pela própria sociedade, portanto, passível de reconstrução.

Sendo assim, a alfabetização cartográfica deve ser vista como proposta metodológica, pois prepara o aluno para a compreensão do conteúdo estratégico da Geografia.

É de suma importância sabermos que é preciso respeitar o pensamento e as ações das crianças. É necessário levarmos em conta que a criança cria e recria o mundo em sua mente através de uma concepção própria, e sua

representação do espaço tomará como base a sua própria leitura. Sendo assim, o professor pode observar como o aluno lê o espaço e o representa para que as ações não sejam impostas através de leituras pré-elaboradas pelos adultos. A esse respeito, Passini (1994, p.41) alega que “a importância da ação de mapear para a posterior eficácia da leitura de mapas deve ser entendida como uma ação que respeite a forma como a criança percebe e representa o espaço, contextualizada em sua concepção de mundo”.

Logo nos primeiros meses de vida, o ser humano apresenta percepções do domínio espacial que vão se desenvolvendo na interação com o meio. Portanto, entendemos que a noção de concepção do espaço acontece antes mesmo do período de escolarização (ALMEIDA & PASSINI, 2008).

E é na escola, como mencionamos, que a aprendizagem espacial ocorre voltada para a compreensão de como a sociedade organiza seu espaço, o que é possível com o uso de representações formais ou convencionais desse espaço.

Outro fator importante, citando Almeida e Passini (2008), é que os anos iniciais da Educação Básica no Brasil são deficientes e o professor não aprende o suficiente em seu curso de formação que o habilite a desenvolver um programa que leve o aluno a dominar conceitos espaciais e sua representação. Sendo assim, o preparo do aluno fica precário.

A compreensão do mapa pelo aluno traz uma mudança qualitativa superior na capacidade deste em pensar o espaço, pois o

mapa funciona como um sistema de signos que lhe permite usar um recurso externo à sua memória, com alto poder de representação e sintetização (ALMEIDA e PASSINI, 2008). Por esse motivo, a representação do espaço através de mapas permite ao aluno atingir uma nova organização estrutural de sua atividade prática e da concepção do espaço. E isso só vai ocorrer se o aluno participar ativamente do processo de construção e reconstrução do conhecimento mediante a prática escolar orientada pelo professor.

Contudo, podemos chamar o mapa de um modelo de comunicação que se vale de um sistema semiótico complexo. A informação é transmitida por meio de uma linguagem cartográfica que utiliza três elementos: o sistema de signos, a redução e a projeção. Logo, ler mapas significa dominar esse sistema semiótico, essa linguagem cartográfica. E ensinar o aluno significa passar por preocupações metodológicas sérias, assim como ensinar a ler e escrever, por isso a importância da leitura de mapas (ALMEIDA e PASSINI, 2008).

Se voltarmos ao passado, verificamos que o objetivo dos mapas utilizados pelos homens das cavernas era para melhorar a sobrevivência, para expressar seus deslocamentos, registrar as informações de possibilidade da caça, os problemas de terreno, matas, rios, entre outros. Nesses mapas (que eram topológicos), usavam-se símbolos iconográficos, sem preocupação de projeção e de sistemas de signos ordenados. Para Almeida e Passini (2008), os símbolos pictóricos eram de significação direta, sem

legenda, eles usavam sua própria linguagem, a iconografia.

Almeida e Passini (2008) assinalam que a Geografia é uma ciência que se preocupa com a organização do espaço em que o mapa é utilizado para investigação e constatação de seus dados. A Geografia e Cartografia caminham juntas com a Geologia e a Biologia, para que as informações colhidas possibilitem a compreensão espacial do fenômeno.

Sobre o mapa, as autoras propalam:

O mapa é de suma importância para que todos que se interessem por deslocamentos mais racionais, pela compreensão e organização dos espaços, possam se informar e se utilizar deste modelo e tenham uma visão de conjunto. Assim, também, para os leigos, ao se preocuparem com a organização do seu espaço, ou de forma mais cotidiana com deslocamentos mais racionais, ou circulações alternativas (congestionamentos, impedimentos) devem apelar para o mapa (ALMEIDA e PASSINI, 2008 p.16).

O mapa é uma redução proporcional da realidade, e sua escala estabelece quantas vezes o espaço real sofreu redução. Portanto, a leitura de mapas é um processo que começa com a decodificação, envolvendo as etapas que devem ser respeitadas para termos uma leitura eficaz.

A leitura inicia-se com a observação do título. É preciso saber qual o espaço representado, os limites, as informações, verificar a legenda, relacionar o significante e o significado na legenda e espalhados no mapa para refletir sobre a distribuição e organização. É preciso, enfim, observar a escala gráfica ou numérica mostrada no mapa.

Desta forma, nos mapas há necessidade de clareza dos objetivos. Ao selecionar as informações, é preciso que o usuário busque as generalizações, mas sem perder as informações importantes. Contudo, é preciso que o leitor tenha o mínimo de informação relativa às técnicas de mapeamento para obter sucesso na leitura do mapa. Nesse sentido, ensinar o aluno a mapear é apontar os caminhos para a construção de um leitor consciente da linguagem cartográfica.

Para os cartógrafos, o mapa é uma representação da superfície da Terra. Sobre um mapa pode-se representar uma série de informações, escolhidas por interesses ou necessidades das mais diversas ordens: política, econômica militar, científica, educacional.

Os mapas expressam ideias referentes ao mundo e sua elaboração não é determinada pela técnica; sua produção sempre esteve ligada aos interesses políticos e militares ou às influências religiosas e navegação. Os mapas só podem ser entendidos se visualizados no contexto histórico e cultural em que foram produzidos (ALMEIDA, 2001).

Passini (1994) postula que o mapa é a representação simbólica de um espaço real, que se utiliza de uma linguagem semiótica complexa: signo, projeção e escala. O mapa é também um símbolo que representa o espaço geográfico de forma bidimensional e reduzida.

Os mapas devem ser valorizados não apenas como meios de registro do espaço geográfico, mas também com instrumento de pesquisa. Ele é útil no momento de levantar questões a serem investigadas, assim como no momento de se registrar os resultados da

pesquisa. O mapa é um recurso de valor, sempre que estejam envolvidas questões que problematizem as ações dos homens no espaço. Pois as relações existentes no espaço geográfico dificilmente são perceptíveis no campo, em sua totalidade, sem a sua representação (PASSINI, 1994, p.23).

O mapa é importante na identificação da organização do espaço, na avaliação das alterações na forma de sua ocupação e como instrumento de expressão dos resultados dos dados.

Convém pontuar que os conhecimentos cartográficos foram construídos ao longo dos séculos, desde a Antiguidade Clássica. Pelo estudo da história da Cartografia, podemos perceber que a produção de mapas com referenciais e traçados mais precisos é uma conquista recente (ALMEIDA, 2001).

A Cartografia moderna, apoiada no avanço tecnológico, tem produzido mapas cada vez mais precisos. O uso de imagens de satélite possibilita produzir mapas com alta precisão. Os mapas atuais são produtos de um mundo que tem na tecnologia um de seus traços essenciais. Esses mapas constroem e revelam ao mesmo tempo a atual imagem do mundo.

Almeida (2001) afirma que apesar da tecnologia, o ensino e o uso de mapas na escola tem suas necessidades definidas a partir das funções que esse tipo de conhecimento possa ter na formação dos cidadãos.

Paganelli apud Almeida e Passini (2008) mostra como os passos metodológicos de mapear levam à formação de um bom leitor, com base na teoria de Piaget de que a criança na idade do pensamento concreto necessita agir

para conseguir construir conceitos e edificar os conhecimentos, e a autora sugere que se leve o aluno a elaborar mapas para torná-lo um leitor eficaz.

Nessa ação citada acima, para que o aluno possa entender a linguagem cartográfica, não significa que deva pintar ou copiar, mas sim fazer o mapa para que, acompanhando cada passo do processo, se familiarize com a linguagem cartográfica (ALMEIDA e PASSINI, 2008).

É vivenciando as dificuldades de organizar um sistema de signos que o aluno construirá noções de organização de um sistema semiótico. O aluno tomará consciência das informações quando tiver que estabelecer uma classificação e selecionar as informações a serem mapeadas, o que melhorará seu raciocínio lógico.

Na ação de mapear ocorre o passo metodológico para o aprendizado de mapas, e não mediante cópias ou pinturas. O aluno deve viver o papel de codificador antes de ser decodificador, para conseguir dar significado aos significantes.

Piaget apud Almeida e Passini (2008) assinala que a função simbólica surge por volta dos dois anos de idade, com o aparecimento da linguagem. A noção de espaço passa por níveis próprios da evolução da criança na construção do conhecimento, do vivido ao percebido e depois ao concebido.

O vivido é o espaço físico, vivenciado pelo movimento e deslocamento, a criança aprende por intermédio de brincadeiras, por isso a importância de exercícios rítmicos e psicomotores. Nessa fase, a criança é capaz de

perceber somente o “aqui”. O espaço percebido não precisa ser experimentado, a criança é capaz de se lembrar do percurso que faz da escola até sua casa, não precisa mais percorrê-lo para lembrar. Nesse momento, inicia-se para a criança o estudo da Geografia (ALMEIDA e PASSINI, 2008). Por isso, nessa fase o professor deve se preocupar em propor atividades que desenvolvam conceitos e noções mais do que um conteúdo sistemático.

O espaço concebido se dá por volta dos 12 anos, sendo possível que o aluno estabeleça relações espaciais entre elementos apenas através de sua representação, ou seja, é capaz de raciocinar sobre uma área retratada em um mapa sem tê-la visto antes.

Sendo esse o processo evolutivo da construção da noção de espaço, o professor deve exercer um trabalho no sentido da estrutura do espaço, pois a criança tem uma visão sincrética do mundo, como asseveram Almeida e Passini (2008, p.27):

Para a criança os objetos e o espaço que eles ocupam são indissociáveis. A posição de cada objeto é dada em função do todo no qual ele se insere. A criança percebe esse todo e não cada parte distintamente. Por esse motivo para as crianças pequenas a localização e o deslocamento são definidos a partir de referências dela, de sua própria posição.

Na sociedade moderna, o aprendizado espacial tem grande importância, configurando-se como um instrumento necessário à vida das pessoas. É essencial o domínio de conceitos e referências espaciais para deslocamento, ambientação e muito mais do que isso. Assim

como as outras disciplinas, o preparo para esse domínio é desenvolvido na escola. É na escola que deve ocorrer a aprendizagem espacial para que o aluno compreenda de que forma a sociedade organiza seu espaço. É necessário também que o professor saiba que a noção de espaço inicia-se antes mesmo do período de escolarização da criança, mas esse é um assunto que não aprofundaremos neste texto.

O aparecimento do mapa de forma semelhante ao que ocorreu com as primeiras formas de escrita, alterou qualitativamente o poder do homem de domínio do espaço, pensar sobre o espaço torna-se, portanto pensar sobre sua representação (ALMEIDA, 2001, p.21).

A alfabetização cartográfica, a possibilidade que uma pessoa tem de ler um mapa, a capacidade de visualização de organização espacial são consideradas de grande importância para educar as pessoas para a autonomia visando a uma ação independente. A autonomia é alcançada pelo pensamento próprio da pessoa, pelas suas tomadas de decisões, pela criatividade e vários outros elementos, e para o desenvolvimento dessa autonomia que devemos adquirir na escola é necessário saber ler e escrever, fazer contas, ler mapas, tabelas, gráficos, entre outros (PASSINI, 1994).

Normalmente, os mapas apresentam uma linguagem complexa – sejam em livros didáticos ou atlas –, daí a necessidade de saber interpretá-los. Propomos que se estude a educação cartográfica, assim como a leitura e escrita. A linguagem cartográfica é específica,

necessitando ser decodificada, e alguns autores como Lacoste (1988) advertem que há um descompromisso da escola em relação a essa alfabetização cartográfica (PASSINI, 1994).

O indivíduo que não consegue usar um mapa está impedido de pensar sobre aspectos do território que não estejam registrados em sua memória. Está limitado apenas aos registros de imagens do espaço vivido, o que o impossibilita de realizar a operação elementar de situar localidades desconhecidas (ALMEIDA, 2001, p.17).

É importante a preocupação com a alfabetização cartográfica em uma educação cujo objetivo seja a formação do ser autônomo, crítico, que saiba se defender da dominação, que saiba pensar e agir. Mas antes de abordarmos esse tema, é necessário também que entendamos o que é um mapa, sua relevância e saber como se deu o seu surgimento.

O mapa tem a função de informar e não apenas de ilustrar; ler mapas não é somente localizar um rio, cidade ou estradas, o mapa é uma representação codificada de um determinado espaço real, e para lê-lo é preciso dominar um sistema. Ensinando um aluno a ler um mapa, estamos mostrando-lhe os caminhos de um leitor consciente e eficaz (ALMEIDA, 2001).

A tomada de consciência do espaço ocorre em sua exploração, desde o nascimento de uma criança, através das experiências que esta realiza ao seu redor. Ao ser tocada, acariciada, amamentada, a criança inicia o processo de aprendizagem do espaço, também chamada de conscientização do espaço. Nesse processo, que é ocupado pelo próprio corpo da criança, ficam

registrados em sua memória corporal os referenciais dos lados e das partes do corpo, que servirão de base para referenciais espaciais. Há nesse processo dois aspectos essenciais: o esquema corporal e a lateralidade, aspectos esses que serão abordados mais adiante (ALMEIDA e PASSINI, 2008).

À medida que a criança se desenvolve e especializa sua ação sobre o meio, obtém maior domínio sobre o espaço próximo e alcança espaços cada vez maiores.

O espaço é para a criança um mundo quase impenetrável. Sua conquista ocorre aos poucos, à medida que for atingindo alterações quantitativas de sua percepção espacial e uma conseqüente transformação qualitativa em sua concepção do espaço (ALMEIDA e PASSINI, 2008, p.30).

Outro fator que devemos mencionar se refere às primeiras relações espaciais que a criança estabelece, as quais são chamadas de relações topológicas elementares. Como o próprio nome dá a entender, nessas relações a criança usa referenciais elementares como dentro, fora, ao lado, na frente, perto, etc. e essas relações também começam a ser estabelecidas desde o nascimento, constituindo-se na base para relações mais complexas. Por isso, devemos atribuir grande relevância à percepção espacial no início da atividade escolar, temática que contemplaremos detalhadamente mais adiante (ALMEIDA e PASSINI, 2008).

Almeida (2008) relata que desde os nossos primeiros anos de vida, mediante a interação com o meio, apresentamos percepções referentes ao domínio espacial. A autora

ênfata o aprendizado desse domínio, que ocorre antes mesmo da escolarização, devendo se estender na escola, principalmente nas séries iniciais, para que as crianças compreendam as formas pelas quais a sociedade organiza seu espaço. Esse aprendizado, em consonância com a autora, só será possível com o uso de representações formais ou convencionais desse espaço.

A autora acrescenta que os conhecimentos e habilidades devem ser desenvolvidos e aprofundados desde o 1º até o 9º anos do Ensino Fundamental, pois são essenciais ao entendimento dos conceitos que possibilitam ao aluno realizar a análise geográfica.

A geografia na atualidade fundamenta-se no reconhecimento da reorganização do espaço, em todo o mundo, como reflexo das relações de produção do pós-guerra. Assim recursos que possibilitam representar essas transformações constituem uma chave para o pensamento crítico sobre o espaço. Entre tais recursos está a linguagem dos mapas (ALMEIDA, 2001, p.17).

Almeida (2001) baseia-se na teoria de Piaget para explicar aspectos da representação do espaço. A ideia de Piaget consiste em compreender a formação dos mecanismos mentais na criança para aqueles que desejam entender sua natureza e seu funcionamento no adulto.

DA TEORIA À SALA DE AULA: A IMPORTÂNCIA DA CARTOGRAFIA

De acordo com Callai (2000), é necessário o uso da linguagem cartográfica para ler o espaço;

portanto, ao ensinar Geografia, deve-se “dar prioridade à construção dos conceitos pela ação da criança, tomando como referência as suas observações do lugar de vivência para que se possa formalizar conceitos geográficos por meio da linguagem cartográfica” (CASTELAR apud CALLAI, 2000, p.243).

Callai (2000) afirma que a aprendizagem da linguagem cartográfica, ou seja, a alfabetização cartográfica, mesmo com seus déficits no ensino, é base para a aprendizagem da Geografia e deve acontecer em algum momento da vida escolar, especialmente nas aulas de Geografia.

Para a criança ser capaz de ler o mundo, o espaço, é necessário que seja capaz de representar o espaço em que vive sua realidade. Uma das formas de ler o espaço é através dos mapas, que como já assinalamos, são representações cartográficas de um determinado lugar. Como aponta Callai (2000, p.244), para que essa aprendizagem ocorra é necessário considerar “que para o sujeito ser capaz de ler de forma crítica o espaço, é necessário tanto que ele saiba fazer a leitura do espaço real/concreto como que ele seja capaz de fazer a leitura de sua representação, o mapa”.

Outro fator relevante para o aprendizado da leitura do mapa é saber fazer o mapa, daí a necessidade de que no período escolar a criança aprenda a desenhar trajetos, plantas da sala de aula, da casa, do pátio da escola, atividades que podem ser realizadas nos anos iniciais da escolarização, não esquecendo de sempre se apoiar em dados reais concretos.

Vimos, por conseguinte, que na alfabetização cartográfica saber ler o espaço por

meio dos mapas não é suficiente para um aprendizado completo; é necessário também saber também representá-lo, e para que isso aconteça são necessárias algumas regras. Seja do mapa mais simples ao mais complexo, sua fabricação exige da criança a observação e a representação, como afirma Callai (2000, p.244):

Ao fazer um desenho de um lugar que lhe seja conhecido ou mesmo familiar, ela estará fazendo escolhas e tornando mais rigorosa a sua observação. Poderá, desse modo, dar-se conta de aspectos que não eram percebidos, poderá levantar novas hipóteses para explicar o que existe, poderá fazer críticas e até encontrar soluções para as quais lhe parecia impossível contribuir. A capacidade de o aluno fazer a representação de um determinado espaço significa muito mais do que estar aprendendo geografia: pode ser um exercício que permitirá a construção do seu conhecimento para além da realidade que está sendo representada, e estimula o desenvolvimento da criatividade, o que, de resto, lhe é significativo para a própria vida e não apenas para aprender simplesmente.

É preciso, além de saber ler o espaço e representá-lo por intermédio dos mapas, saber também ler o próprio mapa, e para tanto são necessárias habilidades como a de reconhecer escalas, decodificar legendas e ter senso de orientação.

Através É mediante essas habilidades que a criança poderá entender, por exemplo, um espaço tridimensional representado de forma bidimensional, poderá entender também que a Terra é redonda, entre vários outros aspectos fundamentais para a atividade de mapear.

E para que essas habilidades sejam adquiridas, são necessários exercícios contínuos para o desenvolvimento da lateralidade, orientação, referência, e também para saber o significado de distância e de tamanho na construção dos mapas, como explica Callai (2000, p.245):

As habilidades podem ser simplesmente exercitadas, procurando-se alcançar o seu domínio. Mas o que nos interessa não é simplesmente ter domínios, que o capacitem a viver no mundo, é claro, mas poder, por meio dessa exercitação, dar conta de aprender a ler e viver o mundo. Aprender a pensar e reconhecer o espaço vivido. Não simplesmente como espaço que pode ser neutro, o estranho a si próprio, mas pensar um espaço no sentido de se apropriar das capacidades que lhe permitirão compreender o mundo, reconhecer a sua força, e a força do lugar em que vive. Aprender para viver, mas aprendendo a buscar a transformação capaz de tornar o espaço mais justo, pelo acesso aos bens do mundo e da vida. Aprender a construir a sua cidadania.

Vemos, portanto, que de acordo com a autora supracitada, o ensino da Cartografia na disciplina de Geografia, especificamente nos anos iniciais da escolarização, é importante para que as pessoas adquiram conhecimento necessário para a vida, como, por exemplo, observar, descrever, comparar, tirar conclusões, compreender, fazer análise, entre outros, e conseqüentemente, contribui com a leitura do mundo.

Nesse sentido, é deveras relevante que os professores de Geografia encontrem maneiras de não só ensinar Cartografia, mas que essa

educação tenha resultados mais positivos, formando cidadãos atuantes na sociedade e na construção do espaço.

No mundo atual globalizado, é importante que conheçamos e compreendemos a sociedade, o lugar onde vivemos, porém temos que não só conhecer, mas também agir sobre ele. Não podemos esperar que as coisas aconteçam; pois segundo Callai (2000), construir os referenciais básicos para a análise espacial é ter clareza sistemológica de nossa ciência. E, para saber fazer uma educação com senso de aprender para ser sujeito da sua vida, é necessário fundamentar epistemologicamente a pedagogia.

IMPORTÂNCIA E FORMAS DE SE TRABALHAR A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA

Com a finalidade de conhecer os profissionais atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental de Escolas Públicas Municipais de Nova Esperança-PR, elaboramos um questionário, que ao todo somam 20 questões que abordam perguntas sobre a formação profissional dos entrevistados, em que ano/séries do 1º ao 5º atuam, se trabalham com Geografia, se gostam de ensinar Geografia; se trabalham com Cartografia e quantas vezes por semana; se tiveram uma boa base de Geografia e também de Cartografia na graduação; se os professores dão preferência às disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática; se os alunos gostam de Geografia e Cartografia; dentre outras indagações.

Com base na quantificação desses questionários, elaboramos gráficos para

demonstrar visual e proporcionalmente as informações coletadas. Assim, dos questionários respondidos (GRÁFICO 1), quinze entrevistados responderam que possuem pós-graduação, um somente graduação, um apresenta magistério e graduação e três possuem magistério, graduação e pós-graduação.

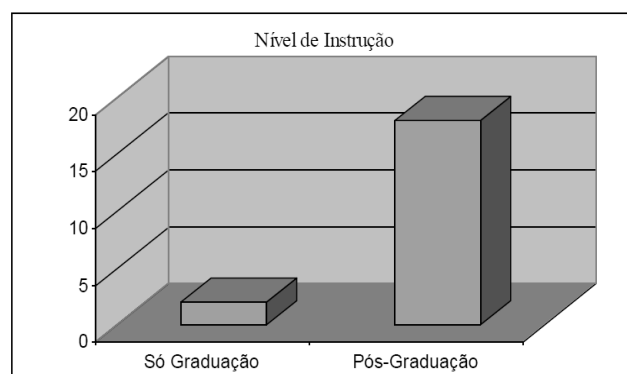


GRÁFICO 1 – Nível de Instrução das Professoras de Nova Esperança-PR, 2011.

Fonte: Pesquisa empírica, 2011.

No tocante ao local da formação de Ensino Superior (GRÁFICO 2), dois entrevistados revelaram que se formaram na Universidade Paranaense (UNIPAR), um na Universidade estadual de Maringá (UEM), dois na Universidade Estadual de Londrina (UEL), quatro na Vizivali, cinco na Fafipa, dois não responderam, um no Instituto Superior de Educação Avantis, um na Associação de Ensino de Presidente Venceslau (AEPREVE), e um na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Com base dos acima, percebemos que 100% dos entrevistados possuem graduação e pós-graduação, fato que comprova a boa formação dos educadores. Assim, constatamos que essa especialização está ligada à área da Pedagogia, ficando a desejar na área do ensino de Geografia e Cartografia.

Da pergunta relacionada a trabalhar com conteúdos de Geografia (GRÁFICO 3), dezessete afirmaram trabalhar e três não trabalhar.

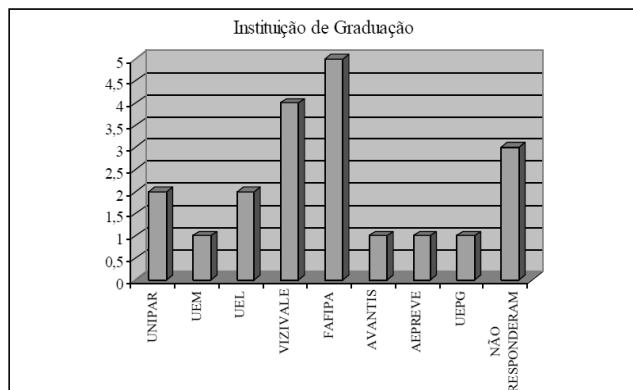


GRÁFICO 2 - Instituição da Formação de nível superior das Professoras de Nova Esperança-PR, 2011.

Fonte: Pesquisa empírica, 2011.

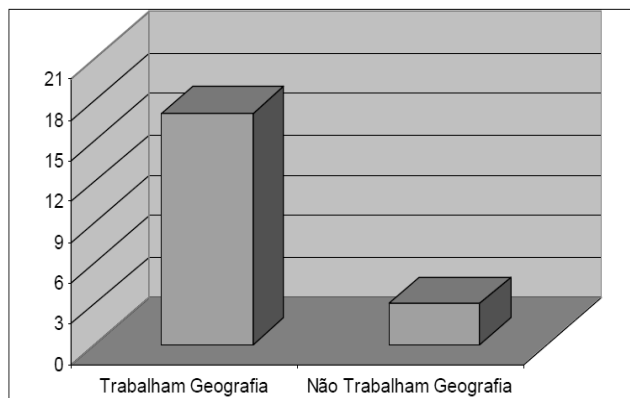


GRÁFICO 3 - Número de professoras que trabalham ou não com a Geografia.

Fonte: Pesquisa empírica, 2011.

Dos dezessete que revelaram trabalhar com conteúdos de Geografia (GRÁFICO 4), quinze trabalham uma vez por semana, um trabalha duas vezes por semana e um não respondeu.

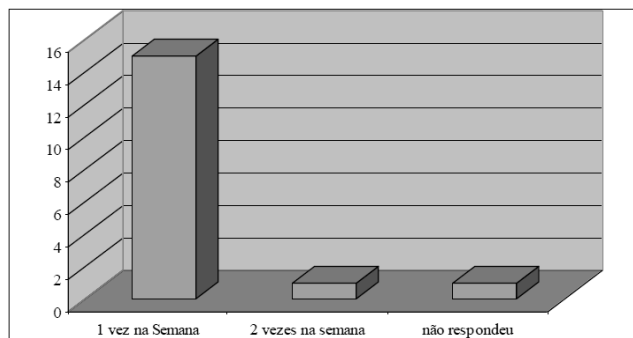


GRÁFICO 4 - Número de vezes por semana que é trabalhado Geografia.

Fonte: Pesquisa empírica, 2011.

Dos que responderam trabalhar uma ou duas vezes por semana, sete relataram que os conteúdos trabalhados são os dos livros adotados pela escola, a maioria trabalha com conteúdos relacionados à moradia, condições e influências da natureza, a rua, o bairro, meios de transporte, meio ambiente, sinais de trânsito, as escolas e outras escolas, família, água, esgoto, energia elétrica, coleta de lixo, espaço vivido, localização do estado e do país, tipos de relevo, tipos de vegetação, rios, espaço urbano e rural, comunicação, sistema solar, planeta terra, os fluxos migratórios, distribuição da população, somente três disseram trabalhar com linguagem cartográfica.

É muito importante que professores e também alunos tenham o domínio da linguagem cartográfica, que é fundamental para aprender e ensinar Geografia. Todavia, a realidade de nossas escolas atualmente deixa muito a desejar, pois como cobrar dos alunos um conhecimento que nem foi dado, pois muitos professores trabalham muito pouco a disciplina de Geografia nos anos iniciais do ensino, como podemos perceber no Gráfico 4, e menos ainda com conteúdos de Cartografia (GRÁFICO 5).

De acordo com Oliveira (2008), entendemos o quanto é importante que professores das séries iniciais tenham conhecimento sobre o modo de uso de mapas na alfabetização cartográfica, ou seja, a forma de se trabalhar com a Cartografia. Percebemos que os professores de modo geral, confirmados pelos dados de nosso questionário, apresentam pouco

conhecimento relativo à didática de ensino de mapas. Ensinar mapas para os alunos requer conhecimento, saberes e práticas, os quais ainda são considerados desafios para os professores.

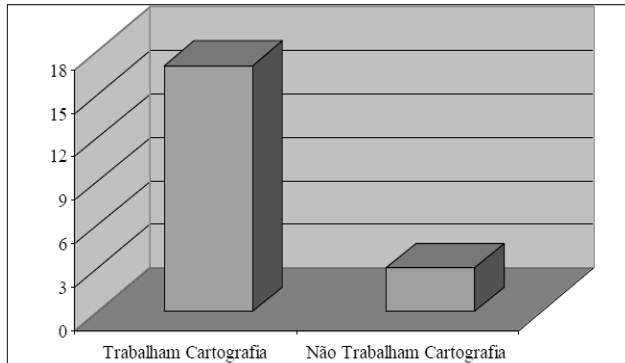


GRÁFICO 5 – Número de professoras que trabalham conteúdos de Cartografia.

Fonte: Pesquisa empírica, 2011.

Oliveira (2008, p.491) argumenta que são as concepções e os modelos didáticos construídos pelos professores ao longo da vida escolar e profissional que orientam e determinam as formas de construção do conhecimento construídas na sala de aula.

É preciso que os professores tenham uma formação continuada no processo de ensino para que as práticas adquiridas como copiar, pintar, colorir mapas não sejam a única forma de ensinar. É necessário investimento – por parte do sistema escolar: escola e professores – no acesso a novos conhecimentos.

Outro fator fundamental para ensino da Cartografia é o pouco conhecimento por parte dos professores acerca da construção e elaboração dos mapas, aspectos como a legenda e escala são fundamentais para o conhecimento da linguagem cartográfica. Nas palavras de aponta Oliveira, (2008, p.492):

Introduzir o professorado das séries iniciais no contexto de uma formação sólida da linguagem da cartografia

pode vir a facilitar o estudo da geografia na escola. Nesse sentido, vemos duas possibilidades: a primeira se concretizaria por meio do estabelecimento de um currículo que contemple espaço de discussão desses temas nos cursos de magistério superior e pedagogia; e por segundo e não menos importante, por meio de um processo dialógico e reflexivo de formação permanente, no qual as professoras pudessem refletir sobre suas práticas e avançar rumo a novas aprendizagens.

Pesquisa realizada por Voges e Chaves (2007) relacionada à alfabetização cartográfica em escolas do Estado de Santa Catarina revela que os professores(as) encontram dificuldades em alfabetizar através da Cartografia devido à dificuldade de introduzir novos recursos e instrumentos, além dos tradicionais para que não só o aluno, mas também os professores, tenham um conhecimento maior no que se refere a essa disciplina.

Observamos, assim, que uma das questões principais no tocante à alfabetização cartográfica é que por meio dela a criança poderá pensar o espaço, e esse pensamento permite às pessoas atingirem uma nova organização estrutural de sua atividade prática e de sua concepção do espaço. E para a criança acontece o mesmo, pois elas precisam de referenciais espaciais. É importante lembrar que para um melhor desempenho da criança, a alfabetização cartográfica deve ter início desde a Educação Infantil, com conteúdos adequados à idade (VOGES e CHAVES, 2007).

É imprescindível que a criança, mediante os conteúdos, a interação com o meio onde vive, a observação, assimile os conceitos, conteúdos,

com atividades adequadas a sua idade, e que essas atividades sejam gradativamente desenvolvidas para que o conhecimento da criança relacionado à Cartografia seja aprofundado cada vez mais, para que futuramente possa realizar uma análise cartográfica.

Várias pessoas apresentam dificuldades em relação à leitura de mapas; de acordo com Voges e Chaves (2007), essa dificuldade vem da deficiência no ensino de Geografia no período de escolarização tanto dos alunos como dos professores. E essa dificuldade apresentada pelos alunos decorre do modo como os professores ensinam e da falta de conhecimento que muitos professores apresentam sobre o conteúdo de Cartografia.

Esse fato corrobora nossa pesquisa de campo, pois dos professores entrevistados que trabalham com Cartografia, três trabalham em todas as aulas semanais; uma trabalha duas vezes por semana; uma afirmou que trabalha algumas vezes, entretanto, não revelou se é na semana, no bimestre ou em que época; quatro não responderam; oito seguem apenas o que está no livro didático; e outra, apenas uma vez por bimestre. Dentre elas, duas alegaram que não gostam de trabalhar Cartografia e quinze informaram gostar da Cartografia.

Em relação à justificativa de gostarem ou não de trabalhar com a Cartografia, três não responderam; uma afirmou que não teve conhecimento do assunto na época da faculdade; quatro revelaram que gostam por ser um instrumento visual; uma disse que não gosta de ensinar quando está no 2º ano; sete

responderam que é importante porque desenvolve a lateralidade, direção, observação, localização no espaço, conteúdo do dia-a-dia da criança; duas pontuaram que gostam porque chama a atenção das crianças. Outra justificativa reside no fato de onze professoras terem dito que não tiveram uma boa base em sua formação acadêmica (GRÁFICO 6).

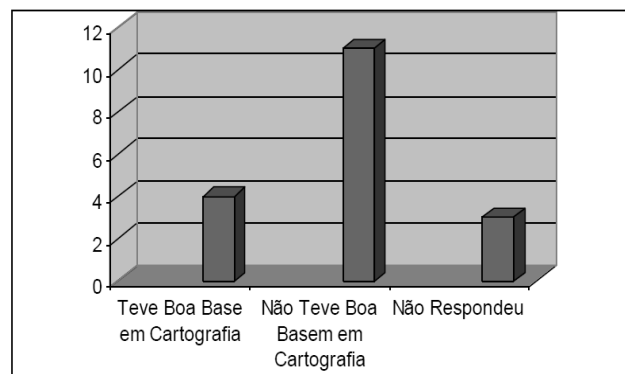


GRÁFICO 6 - Número de professoras com boa formação acadêmica ou não em Cartografia.
Fonte: Pesquisa empírica, 2011.

Reconhecendo essa dificuldade dos professores em ensinar Cartografia, estes não procuram cursos específicos para se especializar e mesmo não buscam soluções para tentar resolver o problema, deixando o ensino de Geografia, especificamente de Cartografia, cada vez mais defasado.

Mesmo não tendo uma boa formação em Cartografia na formação acadêmica, a maioria dos professores respondeu que consideram importante o ensino da Cartografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, contudo percebemos que nem todos têm o interesse de ensinar essa disciplina. Entre os motivos da importância atribuída à Cartografia estão os seguintes: facilita a aprendizagem e compreensão dos alunos; ajuda os alunos a conhecerem o espaço onde vivem; ajuda os

alunos a se localizar, e localizar os lugares; porque os alunos já vão se familiarizando com o assunto.

O conhecimento em Cartografia, aliado a materiais didáticos adequados, como apontam Voges e Chaves (2007), é considerado fator determinante para uma aula de qualidade no que se refere à Cartografia. E para isso, é preciso uma boa formação acadêmica, com novas metodologias, para levar os alunos a formular hipóteses e obter informações importantes do mapa observado, fatores importantes considerando o mundo atual globalizado em que vivemos.

Sobre a importância do ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, dezessete dos professores entrevistados revelaram que ensinar Geografia é tão importante como ensinar disciplinas como Língua Portuguesa e Matemática, pois auxilia o aluno no desenvolvimento, na criticidade, no agir, conhecer o espaço em geral, orientar, localizar, contribuindo em sua formação, argumentando ser importante trabalhar de forma interdisciplinar. Mesmo delegando importância as Geografias, oito professores disseram que preferem ensinar Matemática, sete Português, duas Alfabetização e uma História.

Baseando-se em Romualdo e Souza (2009), verificamos vemos que na maioria das vezes os professores(as) dão mais importância para as disciplinas de Português e Matemática deixando em segundo plano disciplinas consideradas por eles menos importantes, como a Geografia.

Mesmo a disciplina de Geografia sendo considerada menos importante pela maioria dos

professores, esta consta dos currículos de todas as escolas pesquisadas. Assim, a disciplina de Geografia e o conteúdo de Cartografia fazem parte do conteúdo curricular e devem ser ensinados, ou seja, da mesma forma que a criança precisa ser alfabetizada em Português e Matemática, deve ser também em Geografia. Alfabetização significa ler, entender e representar a realidade presente e passada. Um currículo de uma das escolas pesquisadas aponta a leitura e a compreensão das informações expressas em linguagem cartográfica e em outras formas de representação do espaço, como fotografias aéreas, plantas maquetes, entre outras. Portanto, com base nos resultados da pesquisa, percebemos que muitos professores não estão trabalhando conteúdos geográficos e cartográficos e os que trabalham não o fazem de forma correta.

Quando a Geografia não é bem trabalhada nos anos iniciais do ensino, o aluno fatalmente encontrará dificuldades nos anos seguintes, quando novas disciplinas são apresentadas, como afirmam Romualdo e Souza (2009, p.1-2) "O aluno por não estar familiarizado com essa disciplina, passa a ter um pré-posicionamento negativo da Geografia, descaracterizando-a como ciência da memorização". Vemos nesse caso que alfabetização inclui, além da Matemática e do Português, a Geografia, entre outras disciplinas.

Normalmente, quando a Geografia é ensinada, os professores repassam somente o que está nos livros didáticos adotados pelas escolas, o que desvaloriza o ensino e a

aprendizagem dessa disciplina, e os alunos são avaliados pela memorização e não pela compreensão.

Observamos, por conseguinte, o quanto os professores estão despreparados para o ensino de Geografia e principalmente da Cartografia, despreparo esse que pode trazer problemas na comunicação, acarretando o uso incorreto dos documentos cartográficos.

Acreditamos que os professores devem se preocupar mais com o ensino de Geografia, particularmente com o ensino da Cartografia, para que os alunos possam desenvolver um senso crítico, nas relações e organizações espaciais, na interação do homem com o meio, em conformidade com Romualdo e Souza (2009, p.2): “tratando a Geografia como uma ciência dinâmica, e não estática”.

Por não ter conhecimento dos conceitos básicos da Cartografia, muitos professores estão despreparados, e isso se torna visível no aprendizado dos alunos, que não conseguem compreender um mapa nem associá-lo com a realidade.

É importante que os professores façam um trabalho com os alunos dos anos iniciais para que estes desenvolvam as primeiras noções espaciais, e esse trabalho é simples, pois começa nos locais de vivência como a rua, o bairro, estimulando, assim, através dos desenhos, as primeiras representações cartográficas, e corroborando Romualdo e Souza (2009), a partir desse momento o educando começará a ler a sua realidade, o contexto onde está inserido por intermédio da alfabetização cartográfica, o que

permitirá a construção de importantes conceitos na decodificação de mapas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão levantada neste trabalho está voltada para o ensino da Geografia, necessariamente a alfabetização cartográfica, para que seja capaz de transmitir um conhecimento mais elaborado.

Para que isso aconteça, vimos que é preciso que a criança, desde os primeiros anos da Educação Infantil, se aproprie dos conhecimentos necessários, que devem ser organizados e sistematizados pelo professor.

É necessário ensinar às crianças conteúdos que possibilitem o desenvolvimento de sua comunicação e interação com o mundo. Desta forma, a alfabetização cartográfica é de fundamental importância para complementar o ensino e formar um sujeito atuante na sociedade.

Entendemos que para que haja uma educação de qualidade, o conhecimento dos profissionais de educação é importantíssimo. Por isso, é preciso dedicação por parte dos profissionais da educação para que possamos oferecer aos nossos alunos, futuros cidadãos, uma educação de qualidade.

De acordo com nossos estudos teóricos referentes à importância da alfabetização cartográfica, entendemos o quanto a Cartografia é necessária para desenvolver na criança atitudes e comportamentos relevantes para o seu desenvolvimento cognitivo pleno.

É preciso reafirmar que o ensino da Cartografia não pode se desvincular da

disciplina de Geografia, porque é através do conhecimento do espaço que construímos nossa sobrevivência.

Temos que entender que a Cartografia é responsável por um conhecimento e desenvolvimento que vem desde a Pré-história, e na atualidade tem grande importância no meio social, por isso dominar a linguagem cartografia é importante para a pessoa e, conseqüentemente, para a sociedade em que vive.

Nesse âmbito, tanto a escola como os professores devem criar oportunidades de conhecimento para os alunos, no desenvolvimento e prática da Cartografia e sua linguagem específica, já que essa disciplina contribui não apenas para que os alunos compreendam os mapas, mas também para desenvolver capacidades relativas à representação do espaço, como podemos perceber nas palavras de Abreu e Castrogiovanni (2010, p.5-6):

O professor de Geografia, na construção do conhecimento cartográfico, deve despertar nos sujeitos o encanto em aprender, ao mesmo tempo, despertá-los para o prazer da leitura, o rigor do pensar, da crítica, bem como, não desprezar o gosto de criar.

Percebemos, também, que a disciplina de Geografia tem pouco espaço nos anos iniciais do Ensino Fundamental em função de alguns fatores: muitos professores não gostam de Geografia (muito menos de Cartografia); não tiveram uma boa base cartográfica em sua formação; algumas escolas dão preferência para

as disciplinas de Português e Matemática em função da Prova Brasil (um dos itens para avaliados para o IDEB), dentre outros fatores mais.

NOTAS

ⁱ Geógrafo; Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); Professor do Grupo Educacional UNIESP (União Nacional das Instituições de Ensino Superior Privadas). Bolsista da Capes.

E-mail: zeroma_uem@hotmail.com

ⁱⁱ Graduada em Pedagogia pela Faculdade do Noroeste Paranaense (FANP).

E-mail: fpdias01@hotmail.com

REFERÊNCIAS

ABREU, Paulo Roberto; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. A Cartografia Escolar e a Cartografia Lar. III Simpósio Brasileiro de Ciências Geodésicas e Tecnologias da Geoinformação. ANAIS... UFPE: Recife, p. 1-6, 2010.

ALMEIDA, Rosangela Doin de. *Do Desenho ao Mapa: iniciação cartográfica na escola*. São Paulo: Contexto, 2001.

ALMEIDA, Rosangela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. *O espaço geográfico: ensino e representação*. 15ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). *Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000. pp.83-92.

PARANÁ. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Geografia*. SEED: Curitiba, 2008.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigo. Geografia e Cartografia escolar: o que sabem e como ensinam professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental? *Educação e Pesquisa*, vol. 34, n. 3, 2008. pp.481-494.

PASSINI, Elza Yasuko. *Alfabetização Cartográfica e o livro didático: uma análise crítica*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1994.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. A Escola Municipal “Vereador Jorge Faneco” – Educação Infantil e Ensino Fundamental, Nova Esperança, 2010.

ROMUALDO, Sanderson dos Santos; SOUZA, Graziela Martins. *Discutindo a Alfabetização Cartográfica Infantil: Uma Contribuição ao Ensino de Geografia nas Séries Iniciais*. 10º ENPEG, Porto Alegre, 2009. ANAIS... UFRS: Porto Alegre, 2009, p. 1-17.

VOGES, Magnum Souza; CHAVES, Ana Paula Nunes. *Alfabetização cartográfica: trajetórias da prática escolar em séries iniciais de escolas do município de Florianópolis - SC*. II Seminário Nacional Interdisciplinar em experiências Educativas. Francisco Beltrão, 2007. ANAIS...Unioeste: Francisco Beltrão, 2007, p. 1-13.